

DISLEXIA: COMPREENSÃO DO TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM EM CRIANÇAS DE ESCOLAS PÚBLICAS NO MUNICÍPIO DE CAMPO GRANDE/MS

Nádia da Silva Rodrigues Gonçalves – UNAES (nadia.rodrigues@aedu.com)

Neidi Liziane Copetti da Silva (ncopetti@gmail.com)

Kelly Glay Sakihama (Kellyevoce@msn.com)

Eixo: Escutas dos/as professores da infância

Painel

RESUMO

O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de Iniciação Científica (PIC), a qual objetivou analisar as dificuldades de aprendizagem em crianças que frequentam os primeiros anos do Ensino Fundamental em uma escola pública de Campo Grande/MS. A relevância da pesquisa se justifica, pois considera-se importante esse diagnóstico, visto que a dislexia tem afetado diversas crianças em idade escolar. A metodologia da pesquisa consiste na revisão de literatura sobre o tema, na organização do protocolo de aplicação das atividades, na aplicação do protocolo e análise dos dados. Como resultados destacou-se que as crianças diagnosticadas com dislexia necessitam de atividades específicas, ou seja, atividades elaboradas com vistas a auxiliar no processo de ensino e aprendizagem. Pondera-se que tais atividades consistem em jogos, os quais podem ser produzidos pelos próprios professores com a utilização de materiais recicláveis. Ressaltamos que com auxílio desses recursos há uma melhora no quadro geral da criança e ela se sente mais envolvida com a turma e as propostas da professora.

Palavras-chave: Dislexia - Transtornos de Aprendizagem- Criança.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica (PIC) que objetivou analisar as dificuldades de aprendizagem em crianças que frequentam os primeiros anos do Ensino Fundamental em uma escola pública de Campo Grande/MS.

A dislexia é considerada um transtorno de aprendizagem que tem afetado crianças por todo o mundo, mas que com o tratamento correto permitirá as crianças condições de seguir seu curso de aprendizagem normalmente, desde acompanhadas por profissionais especializados e professores.

Tal transtorno atinge diversas crianças na fase inicial escolar, cujos professores nem sempre conseguem detectar o problema de início, dificultando ainda mais a aprendizagem e o tratamento. Em estudos realizados nos últimos vinte anos sobre as dificuldades de aprendizagem “[...] têm demonstrado que o escolar com transtorno de aprendizagem apresenta falhas no processamento cognitivo, linguístico, auditivo e visual.” (SILVA; CAPELLINI, 2010, p.132).

Os sintomas da dislexia podem apresentar-se de formas variadas nas crianças, pois nem todas agem da mesma forma, algumas com mais intensidade e outras nem tanto. Mas, de forma geral, as crianças disléxicas sentem-se diminuídas em relação aos seus colegas e isso gera outros transtornos em sala de aula. (SHAYWITZ, 2006).

O diagnóstico realizado de forma errada ou tardia poderá comprometer o aprendizado dos alunos, principalmente quando se refere a dislexia, que quanto mais cedo for diagnóstica, mais rápido e eficaz será o tratamento da criança.

Um dos sintomas mais frequentes quando uma criança é disléxica está no seu comportamento em relação às demais crianças, ela age como se tivesse uma idade inferior a elas, não consegue se concentrar em um determinado assunto por muito tempo, sendo taxadas de hiperativas (SHAYWITZ, 2006).

Com a observação dos professores em sala de aula e também com o

acompanhamento dos pais, as crianças dislexia poderão ser identificadas com mais facilidade e assim, receber o tratamento adequado por parte dos professores.

Para que a dislexia seja identificada com mais facilidade e precocemente, identifica-se a necessidade de iniciar esse processo na fase inicial de alfabetização, na pré-escola e 1º e 2º anos escolares de forma que se realize intervenção precoce, caso seja necessário. Durante o processo de alfabetização, os professores poderão identificar precocemente a incidência de dislexia em sua turma.

Com a identificação de um desempenho insatisfatório da turma, os professores poderão trabalhar com mais empenho e atividades específicas com as crianças que apresentarem mais dificuldades em sua aprendizagem, situação essa que pode ser facilmente identificada no processo de alfabetização das crianças (MARTINS, CAPELLINI, 2011).

Nos anos de 1980, surgiram os primeiros programas para tratar de crianças dislexia, identificando ainda, os riscos para a dislexia, cujos pesquisadores apontavam para um tratamento das dificuldades de leitura, fazendo uso de um treinamento da consciência fonológica e ensino explícito das regras de correspondência grafofonêmicas (MARTINS, CAPELLINI, 2011). Por meio desse treinamento, seria desenvolvido habilidades referente ao processamento fonológico, melhorando à leitura e compreensão textual.

Quando uma criança que tem risco para a dislexia é submetida a programas de intervenção precocemente, ela tem mais chances de melhorar seu aprendizado, apresentando melhoras significantes em habilidades cognitivo-linguísticas, melhorando sua leitura e escrita, evitando o seu fracasso escolar (MARTINS, CAPELLINI, 2011).

O Brasil não apresenta muitos estudos em torno da identificação precoce da dislexia, muito menos em relação a intervenção desses alunos, vistos que os estudos em torno desse transtornos está focado no desenvolvimento de programas com base fonológica e leitura com crianças já diagnosticados com dislexia ou distúrbio de aprendizagem (MARTINS, CAPELLINI, 2011).

TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM: DISLEXIA

De acordo com o DSM-IV, o transtorno de aprendizagem (TA) é definido como a situação na qual os:

[...] resultados do indivíduo em testes padronizados e individualmente administrados de leitura, matemática ou expressão escrita estão substancialmente abaixo do esperado para sua idade, escolarização e nível de inteligência. Os problemas de aprendizagem interferem significativamente no rendimento escolar e nas atividades de vida diária que exigem habilidades de leitura, matemática ou escrita.

Esse transtorno pode acometer de 5% a 17% da população e podem perdurar por toda vida se não for diagnosticado, trazendo prejuízos acadêmicos, sociais e emocionais, podendo atingir a área da matemática, expressão escrita e da leitura.

O código internacional de doenças (CID 10) considera os transtornos de aprendizagem como:

[...] transtornos nos quais os padrões normais de aquisição de habilidades são perturbados desde os estágios iniciais do desenvolvimento. Eles não são simplesmente uma consequência de uma falta de oportunidade de aprender nem são decorrentes de qualquer forma de traumatismo ou de doença cerebral adquirida. Ao contrário, pensa-se que os transtornos originam-se de anormalidades no processo cognitivo, que derivam em grande parte de algum tipo de disfunção biológica (CID – 10,1992, p. 236).

A aprendizagem escolar, na visão das pessoas, está encadeada em um desenvolvimento contínuo e crescentes, em que as crianças aprendem conforma esse percurso, em seu tempo determinado, considerado como necessário para o aprendizado das mesmas. Já as crianças com algum tipo de transtorno não conseguem aprender nesse tempo, a educação para quem sofre de transtornos específicos de aprendizagem (TEA), como no caso da dislexia, traz um grande desafio para professores, aos métodos pedagógicos e propostas curriculares

vigentes na educação brasileira.

Para a Associação de Dislexia (ABD), elaborada em 2003 pela *International Dyslexia Association*, dislexia é:

Dislexia é uma dificuldade de aprendizagem de origem neurológica. É caracterizada pela dificuldade com fluência correta na leitura e por dificuldade na habilidade de decodificação e soletração. Essas dificuldades resultam tipicamente do déficit no componente fonológico da linguagem que é inesperado em relação a outras habilidades cognitivas consideradas na faixa etária.

Uma grande parte dos especialistas acredita que a dislexia está associada a um déficit no processamento fonológico, mas também pode estar relacionada aos aspectos perceptuais visuais que podem comprometer o aprendizado da criança com dislexia.

A dislexia é apresentada de várias formas de dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita, em diferentes formas de linguagem, problemas com leitura ou com a capacidade de aprender a escrever e até mesmo em soletrar, mas desassociada a uma doença, mas sim a um transtorno de aprendizagem congênito. É um transtorno específico de aprendizagem de origem neurológica; caracterizam-se pela dificuldade com a fluência correta na leitura e dificuldade na habilidade de decodificação e soletração, resultantes de um déficit no componente fonológico da linguagem (LYON et al apud FUKUDA; CAPELLINI, 2011).

Por ser pouco conhecida, nem sempre é identificada precocemente nos alunos, já que pais e professores estão desatentos quanto a esse problema, identificado apenas quando a criança já apresentou bastantes dificuldades para aprender, portanto, eles devem estar mais atentos e identificá-lo o mais rápido possível e assim, dar um tratamento adequado a essas crianças.

Olivier (2010) descreve a dislexia como uma dificuldade acentuada no processo de leitura e de escrita e também pode apresentar alterações com predominância na área do hemisfério direito, correspondente a criatividade, em detrimento do esquerdo que serve para o raciocínio lógico da criança e adulto. Portanto, é um transtorno que precisa ser diagnosticado e tratado por um profissional na área da psicopedagogia e depois por uma equipe multidisciplinar.

METODOLOGIA E RESULTADOS

Este estudo se desenvolveu em uma escola de Campo Grande/MS, por meio de atividades aplicadas às crianças que frequentam as turmas de 2º, 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental. No primeiro momento as crianças foram submetidas a aplicação de um protocolo previamente elaborado com vistas a identificar sinais disléxicos no grupo selecionado.

Entre as atividades do protocolo ressaltamos aquelas que já foram aplicadas até o momento - atividades escritas e materiais sensoriais envolvendo o alfabeto, numerais, lateralidade e fonemas.

Salienta-se que todos os materiais necessários para essa etapa foram confeccionados com materiais recicláveis, uma vez que se considera relevante a conscientização da comunidade escolar acerca da preservação do meio ambiente.

Os primeiros dados apresentados serão sobre a atividade que envolve o alfabeto, cuja turma do 2º ano A, apenas uma criança participante, acertou todas as atividades, desde o alfabeto, numerais, lateralidade e fonemas. A turma do 2º ano B apresenta os seguintes dados abaixo.

Gráfico 01: Turma 2º ano B – Alfabeto

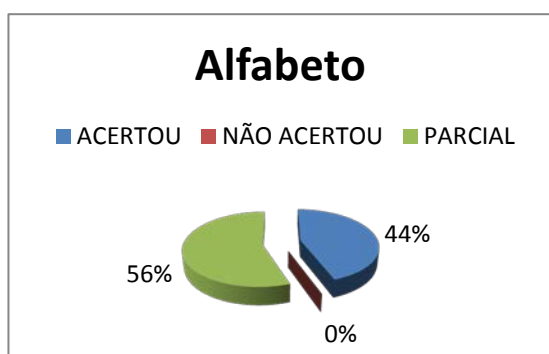
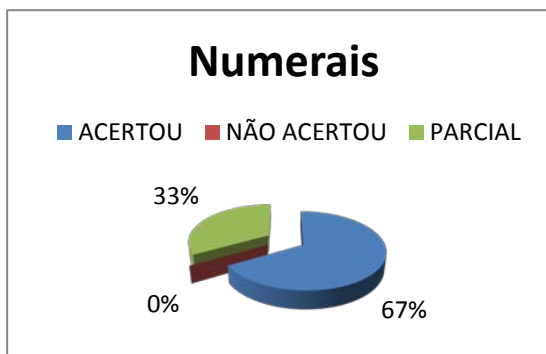


Gráfico 02: Turma 2º ano B - Numerais



Fonte: atividade aplicada pelas acadêmicas Fonte: atividade aplicada pelas acadêmicas

Gráfico 03: Turma 2º ano B – Lateralidade

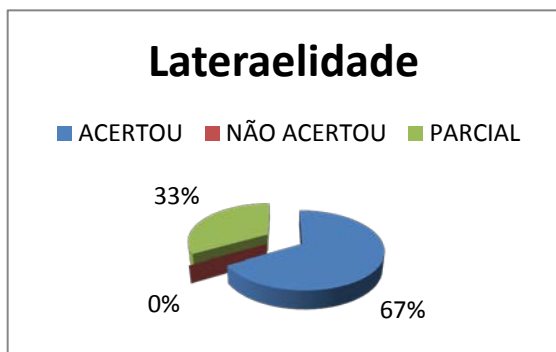
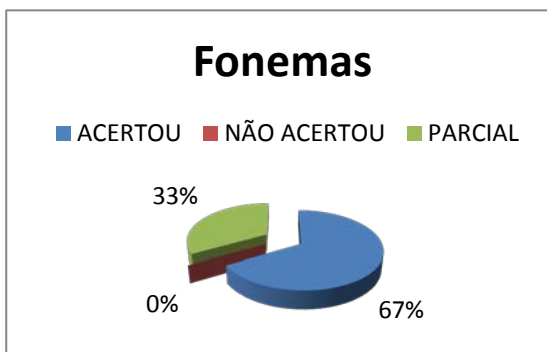


Gráfico 04: Turma 2º ano B - Fonemas



Fonte: atividade aplicada pelas acadêmicas Fonte: atividade aplicada pelas acadêmicas

A turma do 2º ano C, três crianças, em todas as atividades aplicadas, somente o alfabeto e a lateralidade apresentaram dificuldades, conforme gráfico a seguir, em que 67% das crianças acertaram parcialmente a atividade do alfabeto, assim com em lateralidade.

Gráfico 05: Turma 2º ano C– Alfabeto

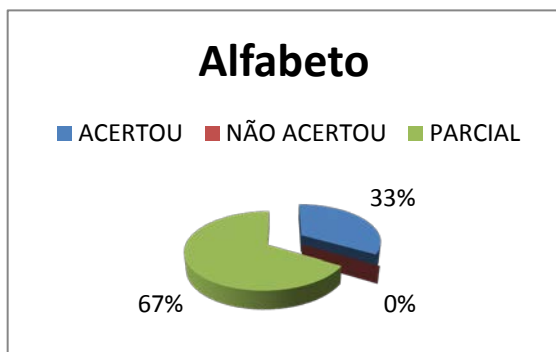
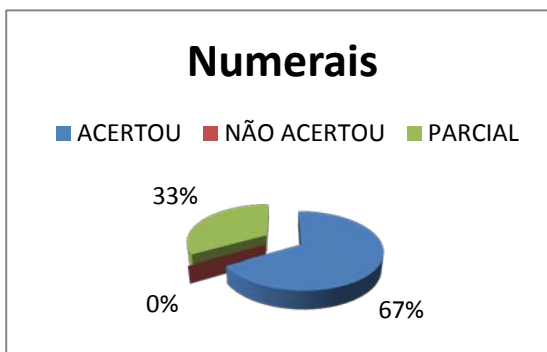
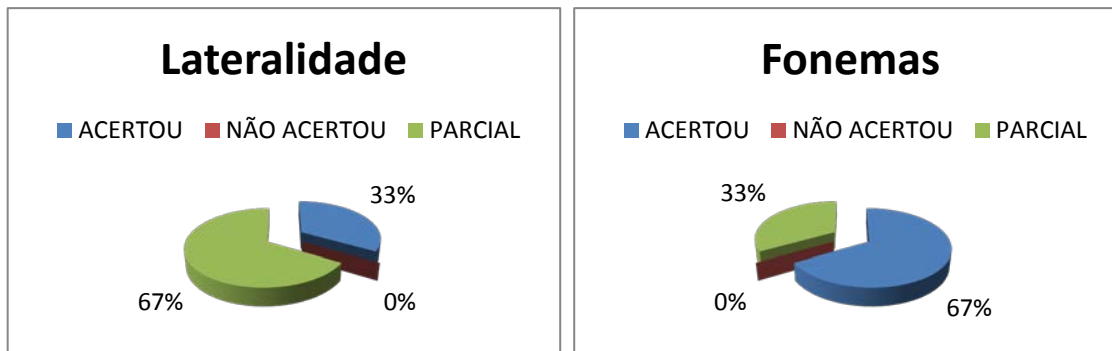


Gráfico 06: Turma 2º ano C - Numerais



Fonte: atividade aplicada pelas acadêmicas Fonte: atividade aplicada pelas acadêmicas

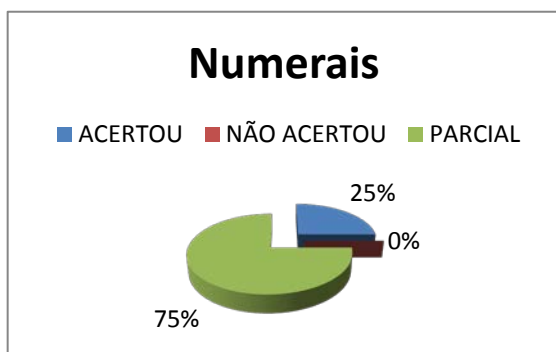
Gráfico 07: Turma 2º ano C – Lateralidade Gráfico 08: Turma 2º ano C – Fonemas



Fonte: atividade aplicada pelas acadêmicas Fonte: atividade aplicada pelas acadêmicas

A turma do 3º ano A, quatro crianças, em todas as atividades aplicadas, somente a lateralidade apresentou dificuldades, conforme gráfico a seguir.

Gráfico 09: Turma 3º ano A - Numerais

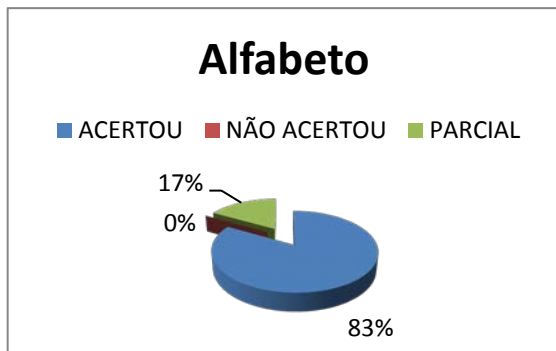


Fonte: atividade aplicada pelas acadêmicas

A turma do 3º ano B, somente uma criança participou das atividades, apresentando dificuldades na lateralidade e fonemas.

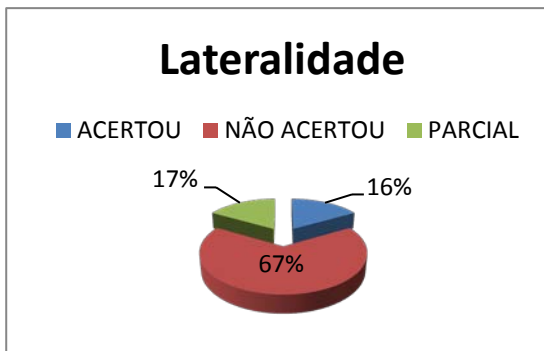
A turma do 4º ano A, seis crianças, não tiveram dificuldades com os numerais, com maior dificuldade na lateralidade. Essa turma chamou mais atenção por conter crianças que não acertaram nada e relação a lateralidades e fonemas, alertando as pesquisadoras para o problema com alguns alunos dessa sala e que merecem mais atenção por parte das suas professoras.

Gráfico 10: Turma 4º ano A – Alfabeto



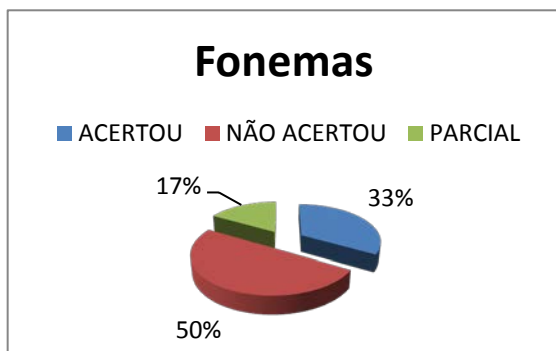
Fonte: atividade aplicada pelas acadêmicas

Gráfico 11: Turma 4º ano A - Lateralidade



Fonte: atividade aplicada pelas acadêmicas

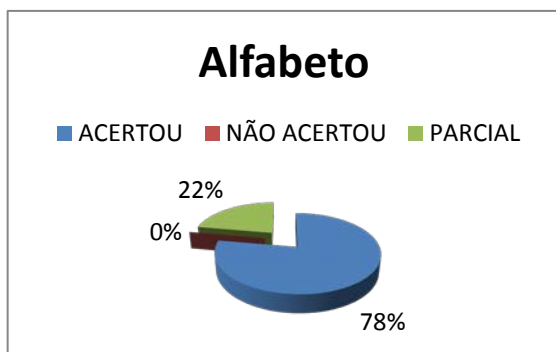
Gráfico 12: Turma 4º ano A – Fonemas



Fonte: atividade aplicada pelas acadêmicas

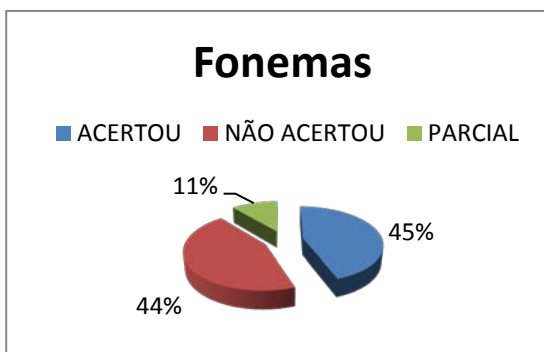
A turma do 4º ano B, nove crianças, não tiveram dificuldades com os numerais também, com maior dificuldade na lateralidade.

Gráfico 13: Turma 4º ano B – Alfabeto



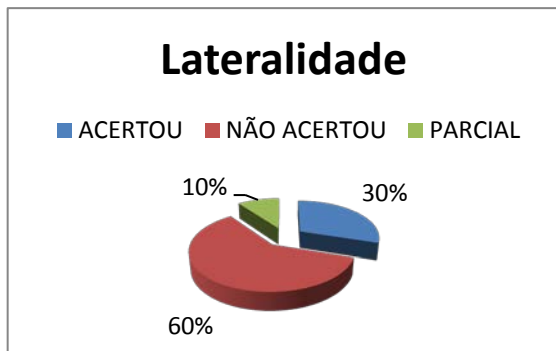
Fonte: atividade aplicada pelas acadêmicas

Gráfico 14: Turma 4º ano B – Fonemas



Fonte: atividade aplicada pelas acadêmicas

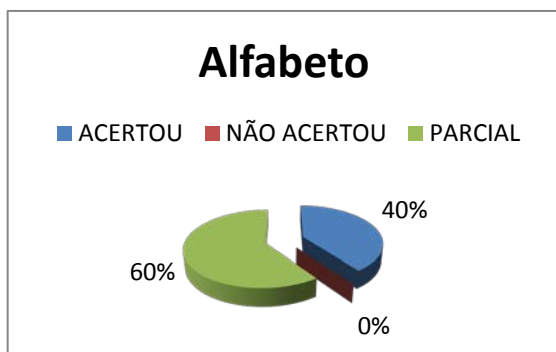
Gráfico 15: Turma 4º ano A – Lateralidade



Fonte: atividade aplicada pelas acadêmicas

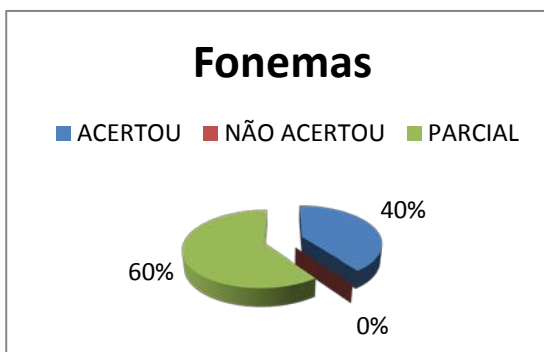
A turma do 5º ano A, dez crianças, não tiveram dificuldades com os numerais, com maiores dificuldades no alfabeto e lateralidade.

Gráfico 16: Turma 5º ano A – Alfabeto



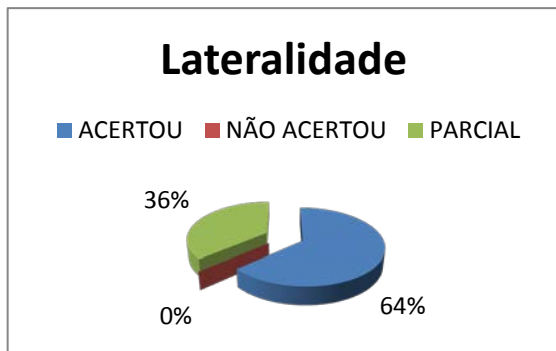
Fonte: atividade aplicada pelas acadêmicas

Gráfico 17: Turma 5º ano A - Fonemas



Fonte: atividade aplicada pelas acadêmicas

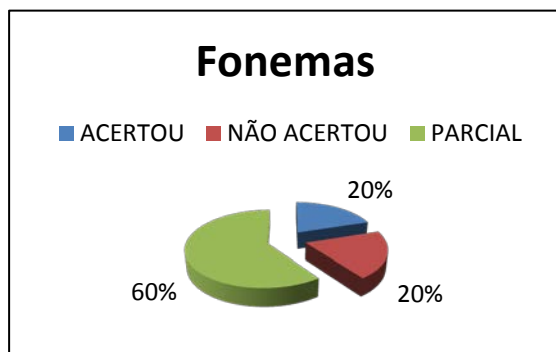
Gráfico 18: Turma 5º ano A – Lateralidade



Fonte: atividade aplicada pelas acadêmicas

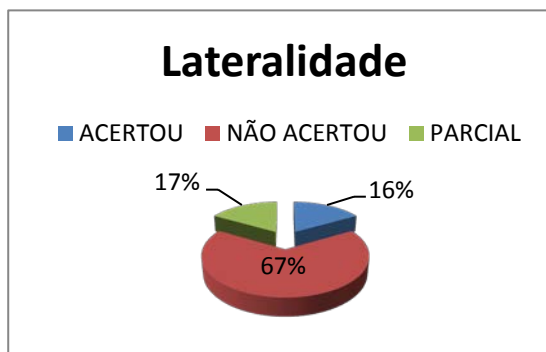
A turma do 5º ano B, cinco crianças, não tiveram dificuldades com alfabeto e numerais, com maiores dificuldades nos fonemas e na lateralidade, apontando que essas dificuldades estão mais presentes nos anos finais do Ensino Fundamental, anos iniciais.

Gráfico 19: Turma 5º ano B – Alfabeto Lateralidade



Fonte: atividade aplicada pelas acadêmicas

Gráfico 20: Turma 5º ano B -



Fonte: atividade aplicada pelas acadêmicas

As turmas finais, ou seja, do 4º e 5º, foram as turmas que mais apresentaram dificuldades durante a aplicação dos testes, já que tiveram uma porcentagem maior para o “não acerto” em relação aos fonemas e lateralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da aplicação do protocolo observa-se que as crianças diagnosticadas com dislexia necessitam de atividades específicas, ou seja, atividades elaboradas com vistas a auxiliar no processo de ensino e aprendizagem. Pondera-se ainda que tais atividades consistam em jogos, os quais podem ser produzidos pelos próprios professores.

Dessa forma, ressalta-se que com auxílio desses recursos há uma melhora no quadro geral da criança e ela se sente mais envolvida com a turma e as propostas da professora.

Outro ponto a destacar está que as crianças nos anos mais avançados, como 4º e 5º, as dificuldades são maiores ou mais fáceis de serem identificadas pelos professores que, ao perceberem o problema nos alunos, devem procurar uma forma de auxiliá-lo, encaminhá-los para os profissionais indicados para realizarem a intervenção.

Portando, os professores desempenham um papel importante na identificação da dislexia na criança, aplicando atividades que possam identificá-las, assim como o comportamento da criança em sala de aula, a forma como está sendo encaminhada a sua aquisição de conhecimento, passando por uma intervenção caso seja necessário.

REFERÊNCIAS

CAPELLINI, Simone Aparecida; GERMANO, Giseli Donadon; VIEIRA, Ana Cláudia Cardoso. **Relação entre habilidades auditivas e fonológicas em crianças com dislexia do desenvolvimento:** Habilidades auditiva-fonológica em disléxicos. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 37, n. 23, p. 146-164, jan./abr. 2010.

DSM-IV. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** Trad. Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas; 2000.

MARTINS, Maíra Anelli; CAPELLINI, Simone Aparecida. **Intervenção precoce em escolares de risco para a dislexia:** revisão da literatura. *Rev. CEFAC* [online]. 2011, vol.13, n.4, pp. 749-755. Epub May 13, 2011. ISSN 1982-0216. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-18462011005000028>.

OLIVIER, Lou de. **Distúrbios de aprendizagem e de comportamento.** Rio de Janeiro. Ed.: wak, 2010

SHAYWITZ, Sally. **Entendendo a dislexia**: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura. Porto Alegre: Artmed, 2006.